

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA OBRA DO FILÓSOFO ARTHUR SCHOPENHAUER E SUAS REVERBERAÇÕES NO CONCEITO DE ESPAÇO NA GEOGRAFIA.

Caio Chagas de Aguiar ¹

RESUMO

O presente artigo é o resultado de uma busca por trazer o filósofo Alemão do século XIX, Arthur Schopenhauer, aos debates epistemológicos da geografia, visto que seu sistema filosófico cujo núcleo é o conceito de Vontade, é considerado único, peculiar e por divergir, conseqüentemente, da maior parte da tradição filosófica ocidental de até então, sendo ele um precursor no ato de incluir elementos orientais à filosofia ocidental moderna. Sendo assim, buscamos sobretudo iniciar uma discussão, que dentro do espaço de argumentação que temos neste trabalho seria impossível de se esgotar. Faremos então, um início dialógico entre tais matrizes de racionalidade (a filosófica, e no caso de Schopenhauer como sendo também, metafísica, e a geografia, como sendo uma ciência). A partir disso, é de fundamental importância fazermos a correta distinção entre o pensamento de Schopenhauer e o pensamento de Kant, que por sua vez é mais conhecido por nós geógrafos. E para não permanecermos presos ao mundo teórico das letras e conceitos, é abordado um relato de experiências do autor em sua viagem do Espírito Santo para o Tocantins (Brasil), a fim de apresentar este artigo, e fazendo isso de maneira a correlacionar com o pensamento de Schopenhauer principalmente no que tange a riqueza do ver- perceber- sentir, e suas relações com a arte. E em forma de ensaio, buscaremos relacionar tais questões com o conceito de espaço na geografia.

Palavras-chave: Arthur Schopenhauer, Metafísica, Geografia, Vontade, Imanência.

ABSTRACT

The present article is the result of a search to bring the 19th-century Prussian philosopher Arthur Schopenhauer into the epistemological debates of geography. His philosophical system is considered unique and divergent from the majority of Western philosophical tradition up until that time, as he was a precursor in incorporating Eastern elements into Western philosophy. Thus, our aim is primarily to initiate a discussion, recognizing that it would be impossible to exhaust the topic within the confines of this work. We will initiate a dialogical beginning between these rationality frameworks, both philosophical and geographical. It is of fundamental importance to correctly differentiate Schopenhauer's thought from that of Kant, who is better known to geographers. In order to not remain confined to the theoretical world of concepts, the author's experiences on a journey from Espírito Santo to Tocantins (Brazil) are discussed, presenting this article in a way that correlates with Schopenhauer's thinking, particularly regarding the richness of seeing-perceiving-feeling, which arise from immanence.

Keywords: Arthur Schopenhauer, Metaphysics, Geography, Will, Immanence.

¹ Mestrando do Curso de Pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: caiochagas00@gmail.com. Financiamento bolsa Capes e ajuda de custo pela Ufes através dos editais do PAEP e PRPPG.

Começo o artigo de uma forma mais subjetiva, me privando neste início de citações exageradas, que virão por sua vez no decorrer do artigo, dizendo que quase não fui ao Enampege 2023 por causa de dores intensas no meu dente siso que precisa ser extraído. E isso é geográfico pelo sentido de que meu corpo, de forma incondicionada e imanente, poderia ser um “portal” para que eu me limitasse no ato de experienciar o mundo externo e material, que é todo ele ao ver de Schopenhauer- REPRESENTAÇÃO. Ou seja, o mundo é condicionado por disposições internas e subjetivas, sejam tais disposições concebidas em sua totalidade sob os conceitos de Tempo, espaço e causalidade. Para Schopenhauer, à maneira kantiana, o mundo, incluindo o espaço percebido e vivido, ou mesmo até quando concebido hipoteticamente de maneira absoluta, é todo ele APARÊNCIA, ou seja, é condicionado por nosso corpo por princípios de sentidos e percepções, e entendimento. Ou seja, nosso corpo é uma condição que gera de maneira mediatizada nossas representações do mundo, ao ponto de tomarmos diferentes decisões ou mesmo de entendermos o mundo de diferentes maneiras, dada a singularidade e subjetividade imanente a cada corpo. Este ponto da filosofia kantiana é mais nítido na *Estética Transcendental* contida na famosa *Crítica da Razão Pura*. (KANT, 2012).

Acontece, porém, que as dores se tornaram menos intensas e pude acertadamente tomar uma melhor decisão, que foi ir ao evento e poder experienciar uma infinidade de causas e efeitos que foram a mim de total importância e relevância sobretudo ao ponto de vista geográfico. Outras dores e disposições internas, no entanto vieram em meio ao processo de ir ao encontro. Prazeres, por sua vez também vieram, quase como em um devir heraclítico... e sobretudo veio o prazer de se geografar e apreciar as paisagens que vieram a mim como novos meios, novos objetos de estudo, novos dados empíricos, sobretudo! E para nosso referido autor estudado “a verdadeira filosofia deve *servir à vida*, e não à cátedra, portanto não pode se fundamentar em livros, mas somente no próprio mundo. (SILVA *in* SCHOPENHAUER, 2013, p. 10). Então, sim, minha experiência teve sim, valor em si. E tentarei pelo menos, neste artigo expor que há nisso, sobretudo valor GEOGRÁFICO!

E neste início, gostaria de alertar que não é sobre dentes sisos que falamos aqui. Falamos, portanto, do conceito mais importante ao nosso autor abordado, que é o conceito de VONTADE, e suas inúmeras (infindadas) manifestações de vontades, ou à maneira schopenhaueriana- OBJETIVAÇÕES de vontades. E notem, que minhas representações sobre o mundo podem mudar devido as suas objetivações, como a dor que senti, por exemplo... basta

pensamos no fato de que um estudante que SENTE fome é quase que objetivamente impossibilitado de um efetivo aprendizado, e isso à maneira schopenhaueriana ocorre em decorrência de as vontades serem fundamentais e primordiais em relação ao intelecto, que surge nos seres humanos diferentemente dos animais, de forma racional, isto é, ao ver dele, por meio de uma forma diferencial, SECUNDÁRIA e única de conseguir formulações racionais, possíveis por meio da linguagem *IN ABSTRACTO*, e sendo assim, a geografia neste caso, é uma forma de linguagem, com normativas próprias e estruturada em paradigmas científicos de elaboração, diferentemente da filosofia, que por sua vez é fundamentada por paradigmas outros, que não necessariamente científicos, e isso é de fundamental entendimento para os que lerão este trabalho.

E pensando em nosso caso, o geográfico, o que seria a paisagem senão um resultado de diversos “comos” que se objetivam aos nossos sentidos e são a nós fatos geográficos quando percebidos? A paisagem é um acesso ao mundo como representação, que por sua vez é ele todo resultado de uma única e mesma Vontade, caso pensemos de forma schopenhaueriana... E como diria Augusto dos Anjos, em seu *Poema Negro* (1912)

*É a Morte — esta carnívora assanhada — Serpente má de língua envenenada
que tudo que acha no caminho, come... Faminta e atra mulher que, a 1 de
janeiro, Sai para assassinar o mundo inteiro, E o mundo inteiro não lhe mata
a fome!*

Embora Schopenhauer fale sobre o conceito de Vontade de VIDA, que é como a Vontade se manifesta na natureza, isso acontece de forma bruta e voraz, onde indivíduos conflitam e/ou divergem, e/ou se harmonizam, e onde as leis da natureza operam. E é interessante pensarmos acerca deste poema devido ao fato de Augusto dos Anjos (reconhecidamente influenciado por Schopenhauer) nos advertir sobre o fato da morte, na qual podemos correlacionar com a vontade na natureza, nunca se saciar, pois mesmo que neste mundo, onde de maneira *hobbesiana* há uma guerra de todos contra todos mundo orgânico e inorgânico, jamais a Vontade (metafísica) é saciada. Porém isso tudo é pensado sob o conceito de VONTADE DE VIDA para Schopenhauer, e mesmo que indivíduos padeçam e pereçam, todas as manifestações fenomênicas do mundo são objetivações de um mesmo quê, que é a coisa em si para Schopenhauer- A VONTADE metafísica, ou VONTADE DE VIDA. Para isso temos no artigo *Sobre a Verdade na Natureza*, no qual o tradutor do texto de Schopenhauer *Sobre a Vontade da Natureza*, nos diz que

Em sua obra magna, *O mundo como vontade e representação* (1818), Schopenhauer pretende demonstrar que o mundo sensível, em toda sua abundância e multiplicidade, é fruto da autodilaceração contínua de uma

vontade única e essencial; que a eterna luta entre os indivíduos é a maneira dessa vontade se objetivas, replicando-se infinitamente numa miríade de seres particulares por meio daquilo que o filósofo denomina *principium individuationis*. (SILVA in SCHOPENHAUER, 2013, p. 7)

E no meio dessa busca de Schopenhauer pela coisa em si, ele recorre aos saberes orientais para auxiliar e fornecer elementos ao seu sistema filosófico, fundamentado todo ele, por paradigmas da filosofia, que é sobretudo ocidental, e sobre isto, Heidegger nos mostra que “A frase: a filosofia é grega em sua essência, não diz outra coisa que: o Ocidente e a Europa, e somente eles, são, na marcha mais íntima de sua história, originariamente “filosóficos”. (HEIDEGGER, 2005). Sendo assim, Schopenhauer é reconhecido como o grande introdutor de elementos orientais a filosofia moderna, principalmente recorrendo a racionalidades místicas indianas e budistas.

Então, Schopenhauer diz que “a índole do mundo e da existência é o conflito da vontade consigo mesma. (SCHOPENHAUER, 2015, p. 293) e ainda mais, que em tudo “o que vive e aparece é uma única e mesma vontade, cujas aparências, entretanto, combatem entre si e se entredevoram. (SCHOPENHAUER, 2015, p.293). Tendo ele, a pretensão de ter encontrado a coisa-em-si, a partir do corpo de forma imanente, na VONTADE, como veremos na discussão teórica a seguir. Que tenhamos em mente, primeiramente, que Schopenhauer se propôs em sua filosofia a descobrir o enigma do mundo, e isso reflete a prepotência que havia na filosofia moderna pós-Descartes, ou melhor, pós-renascimento, na qual forneceu bases ao iluminismo e na fé pela razão humana. Foi a era dos grandes sistemas filosóficos, e mesmo que Schopenhauer se autoafirmasse pessimista em relação a razão humana e seus feitos, isto mostra que de certa forma, ou melhor, de total forma, ele acreditava na razão devido ao seu intento racional, ou seja, por vias filosóficas, de encontrar a coisa em si, o dado *a priori*... e como disse Thomas Mann, ele foi “o mais racional dos filósofos do irracional” (SAFRANSKI, 2011).

Desta forma, podemos começar a entender sua principal divergência em relação ao Kant, visto que Kant falava incognoscibilidade da coisa em si. Esta parte da filosofia que pensa a coisa em si, trata-se de METAFÍSICA. Para explanar sobre a metafísica traremos Auguste Comte, quando este, que por sua vez era um crítico dos sistemas metafísicos (que fique claro isso) nos diz que:

(...) A metafísica tenta explicar sobretudo a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas, o modo essencial de produção de todos os fenômenos; mas em vez de empregar para isso os agentes sobrenaturais propriamente ditos, ela os substitui cada vez mais por essas *entidades* ou *abstrações personalizadas*. (COMTE, 2020, p. 19).

Schopenhauer, então, extrapola de nosso corpo, que sente, que tem VONTADES, e que tais vontades que são incondicionadas, ao ver dele, seriam a forma de chegarmos à coisa em si, mesmo que se manifestem causalmente ainda enquanto representações (pois são estímulos), elas forneceriam, portanto, o **quê** do **como**. A vontade seria então a força motora do mundo e de suas causalidades e aparências, do micro ao macro, ou seja, em sentido cosmológico. E como pensar a geografia a partir do entendimento de sua filosofia? Este é o assunto de minha dissertação de mestrado em andamento, e que orientará este início dialógico no decorrer deste artigo.

Por pensar assim Schopenhauer nos expõe que “O mundo é um pêndulo que oscila entre a dor e o tédio”, pois assim que uma vontade é atendida, logo se transforma em tédio a dar lugar a novas vontades...Neste ponto encontramos fundamentalmente a essência pessimista de sua filosofia, pois a vontade é insaciável e se objetiva conflituosamente por diversas vezes. E o nosso modo de produção capitalista parece se apropriar disso, afinal, o lucro exponencial do capital se deve, sobretudo, a influências de vontades alheias em corpos que jamais se saciam por vias do consumo, por meio da propaganda do *marketing*, afinal como o próprio (SANTOS, 2000, p. 39) nos adverte que “(...) a informação tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, em um outro, pelo qual ela busca convencer. Este é o trabalho da publicidade.” e isso parece fundamentar as lógicas do consumo, isso soa bastante geográfico, afinal vontades modificam espaços, e também, neste caso, “lógicas” de consumo tem total relação com a compreensão do mundo a partir de Schopenhauer. Podemos pensar que a vontade é uma força motora de causalidades no espaço geográfico, que pode ser percebida por nós através da paisagem, e é sentida em nossos corpos, muitas vezes sentindo-nos necessitados pelo que não queremos.

Então, deste início, que foi bem pessoal, adentraremos melhor no assunto no decorrer do artigo com o intuito de pensar- Como relacionar o sistema filosófico de Schopenhauer e o pensamento geográfico? E ainda- Ultrapassando o ser humano que foi, como pensar suas ideias, principalmente acerca da VONTADE em relação com a ciência geográfica? E por que estudar Schopenhauer e não Kant? E por fim, o que nossas compreensões geográficas acerca do espaço podem se relacionar com a visão de mundo para Schopenhauer? Com tais questões em pauta, adiante tentaremos embasar melhor a discussão no campo da geografia a fim de elucidar-nos em nosso intuito científico.

“A geografia está em toda a parte [...]. A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos” (COSGROVE, 1998). E diante dessa célebre frase de um famoso tratado geográfico surge-se então a possibilidade de pensarmos

onde se encontra a geografia, pois mesmo que esteja em toda a parte devemos procurá-la! E nisso nos propomos a buscar geografias contidas na obra do filósofo do século XIX, Arthur Schopenhauer, e onde há geografia ali? Vale dizer que na época de vida deste referido autor a geografia não havia sido consolidada ainda enquanto ciência, da forma que a vemos hoje, portanto, esta é uma análise posterior de sua filosofia com enfoques geográficos. Portanto,

O que é geografia? (...) escapa-se do plano da abstração, quando se aceita que existem tantas geografias quantos forem os métodos de interpretação. E mais, que a geografia é apenas um rótulo, referido a um temário geral. E que este só se substantiva através de propostas orientadas por métodos, que expressam posicionamentos sociais. Assim, o que é geografia dependerá da postura política, do engajamento social, de quem faz geografia. Assim existirão tantas geografias, quantos forem os posicionamentos sociais existentes. (MORAES, 1983, p.30).

Mais do que isso, pensemos que para além de posicionamentos sociais, antes de tudo são posicionamentos filosóficos que norteiam as concepções do que denominamos ciência geográfica. A importante geógrafa brasileira Ana Fani Carlos em um artigo denominado *Da “organização” à produção do espaço no movimento do pensamento geográfico*, diz que “um primeiro passo é recorrer à filosofia, como condição necessária para a compreensão do mundo. Nessa direção, a geografia. Como saber, contemplaria como exigência o reconhecimento da fundamentação filosófica sobre a qual se fundam as ciências sociais.” (CARLOS, 2011, p. 54).

Diante desta asserção acerca da importância do pensarmos filosoficamente como condição necessária para a compreensão do mundo, podemos de início fazermos um esforço de pensarmos no quão variado e infundáveis podem ser os autores da filosofia que influenciaram ou ainda influenciam a geografia, visto que a filosofia lança as bases do pensamento, ou melhor, prepara o campo para que as ciências práticas e empíricas possam operar. E na geografia, podemos pensar em muitos autores que influenciaram nossas formulações geográficas, logo, que influenciaram a epistemologia da geografia, sendo exemplos possíveis destes autores: Auguste Comte, que influenciou as geografias positivistas e neopositivistas, O próprio Karl Marx que influenciou as geografias marxistas e a famosa geografia crítica, o Lefebvre que auxilia nossa compreensão pelo espaço geográfico por algumas vertentes geográficas, Hegel, que sua dialética influencia muitas concepções da geografia, Heidegger, que amplia as perspectivas fenomenológicas.

Schopenhauer, por sua vez, é um filósofo peculiar, pois como nos diz o grande estudioso e, diga-se de passagem, o melhor tradutor de sua obra principal, *tomo 1 e 2*, Jair Barboza, temos a afirmação que:

Schopenhauer representa uma viragem na tradição filosófica. Se antes a razão definia o homem, e a vontade era secundária, no autor de *O Mundo como Vontade e como representação* o que define o homem é o querer, e a razão é secundária. Ora, os dois presentes textos se inserem nessa viragem efetuada na obra máxima do filósofo, que aponta um princípio volitivo e irracional, algo que diverge radicalmente da tradição ocidental do pensamento. (BARBOZA *in* SCHOPENHAUER, 2007)

Então, essa viragem que ocorreu com Schopenhauer, depois apropriada por outros autores que beberam das fontes de Schopenhauer sendo os mais famosos Nietzsche e Freud, pode ser de grande valia para a geografia que até aqui desprezou muito essa questão, sendo talvez uma característica da geografia a preferência por questões mais racionalistas, como por exemplo “quais os fatores de tal acontecimento, quais as razões da guerra tal, quais os padrões de tal fenômeno” sendo um estilo da geografia predominantemente racionalista, quando não empirista, não querendo dizer com isso que a geografia não possua vertentes que abordam elementos menos “racionalistas” por assim dizer, como por exemplo, a geografia das percepções. Basta refletirmos sobre o conceito de topofilia, de Yi Fu Tuan, que aborda elementos ligados aos sentimentos e emoções na geografia de forma não tão racional. (Tuan, 2012). E a filosofia, como a base que fundamenta a epistemologia das ciências, tem fator primordial nesta questão. De certa forma, o racionalismo, a busca por solucionar problemas, mitigar impactos, pensar lógicas, escalas, criar conceitos, são todas estas questões totalmente vinculadas a geografia e de total relevância (kantianas, sobretudo).

Porém, podemos à maneira schopenhaueriana pensar em um mundo movido pelo motor das vontades, que por sua vez, nem sempre são tão racionais, como (Freud, 1917) na famosa obra *A Interpretação dos Sonhos* propôs com a psicanálise buscando entender o universo da consciência e inconsciência humana. Posteriormente (Jung, 2008, p. 19) também teorizou que “Por existirem inúmeras coisas fora da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente”, se referindo a elementos nos quais compreensões lógicas e racionais não conseguem dar conta de determinados fenômenos. Ou seja, a psicologia já utiliza de uma abordagem schopenhaueriana, mesmo que por vezes não referencie Schopenhauer como deveria, visto que Schopenhauer é um precursor em fundamentações acerca de elementos inconscientes e irracionais na cosmovisão humana. Além disso, o pensamento de Schopenhauer influenciou de muitas maneiras a arte e a poesia de modo geral, no Brasil podemos notar essa influência em figuras como Machado de Assis e Augusto dos Anjos. E é onde me influencia de vivaz maneira!

É de se levar em consideração que “desde jovem, em 1803, aos quinze anos, Schopenhauer viaja com os pais por diversos países da Europa. Ele emprega os anos da viagem para contemplar a natureza, observar a vida humana e redigir uma série de considerações melancólicas e pessimistas sobre a miséria da condição humana.” (Pastore, 2015, p. 130). Ou seja, é pelas vias da percepção, que se fazem imanentemente ao corpo que Schopenhauer fundamenta seu sistema filosófico, e isso por si só já é digno de reverberação no campo do pensamento geográfico. Nesse ponto tem-se a conexão possível que possa nos fazer pensar a velha dicotomia entre a idiografia e a corologia, sendo a dicotomia marcante na geografia no que concerne a geografias empiristas e as geografias racionalistas, dita por muitos como geografias de gabinete “*versus*” geografias empíricas. Vale dizer que Kant, de acordo com a maioria de suas biografias, jamais saiu de sua cidade natal, Königsberg, para isso temos que Kant,

Nunca deixou sua cidade natal. Fora de seus escritos, Kant levava a mais insípida e apagada das existências: dava aulas por muitas e longas horas semanais, jantava com amigos e dava seus regulares passeios vespertinos, famosos por sua neurótica pontualidade. (CAYGILL, 2000, p. 19)

E isso é um ponto a levarmos em consideração a forma distinta que Schopenhauer compreende o mundo em relação ao Kant. Um pensou a partir de elementos lógicos por um “gabinete”, o outro a partir de sensações captadas por viagens pelo mundo, leia-se neste caso, Europa. É necessário, porém, ressaltar que ambas as formas de se fazer conhecimento são importantes e válidas, afinal, Kant era um entusiasta de exploradores de novos lugares em um mundo que ainda havia de ser descoberto. Kant usava de elementos lógicos para compor sínteses desta ampla gama de relatos que chegavam a ele.

Então, para que nossa pesquisa tenha embasamento e seja fiel a busca pela verdade devemos separar o que é Kantiano do que Schopenhaueriano, visto que Schopenhauer é assumidamente um kantiano, embora o tenha criticado de maneira ferrenha principalmente no apêndice de sua obra magna que é *O mundo como Vontade e Representação*, Tomo I. Então é necessário se fazer corretamente a distinção de ambos os autores para que os conceitos não sejam deturpados e o que pudesse ser concepção de um autor se conceda a outro.

Schopenhauer procura estabelecer, seguindo os passos de Immanuel Kant, uma diferença entre a Vontade e sua representação, ou seja, entre coisa-em-si e o fenômeno. Todavia, enquanto Kant enfoca a inacessibilidade da coisa-em-si, Schopenhauer aborda uma visão metafísica dessa essência, ou seja, ele trata de uma Metafísica da Vontade. (MONTEIRO, 2011, pág 13).

Adiante, temos:

A Vontade, identificada por Schopenhauer, está presente em toda a natureza; revela-se nos corpos orgânicos e inorgânicos, sejam minerais, vegetais ou animais; pode ainda revelar-se como fenômenos físicos e químicos entendidos como leis naturais. (MONTEIRO, 2011, p. 14).

Observamos com esta citação que questões muito abordadas na geografia se conectam com a filosofia de Schopenhauer, palavras como natureza; corpos orgânicos; inorgânicos; minerais; vegetais; animais; fenômenos físicos; químicos e leis naturais são amplamente conceitos estudados por diferentes vertentes e paradigmas da geografia. Adiante, tem-se:

A linearidade da Teoria do Conhecimento em Schopenhauer mostra-se simples: parte de uma sensação, torna-se uma percepção intuitiva, que já é uma forma de conhecimento, passa pelo entendimento, dá origem à reflexão, para enfim estabelecer conceitos. Os conceitos, portanto, seriam representações de representações. Contudo, a razão, a capacidade de abstração, apanágio do ser humano, estará sempre subjugada à Vontade. (MONTEIRO, 2011, p. 14).

Partir-se de uma sensação, logo, percepção intuitiva, passando por entendimento, dando origem a reflexão, para no fim estabelecer conceitos, de antemão nos parece também bastante geográfico. E se a materialidade é condicionada por tais percepções intuitivas, e os conceitos são representações de representações, os nossos mapas, por sua vez, também são, de maneira schopenhaueriana, representações de representações.

METODOLOGIA

A metodologia parte-se principalmente da revisão teórica do referido autor, bem como de ampla bibliografia geográfica, bem como observação participante do mundo, a fim de que nossa análise tenha rebatimento no espaço geográfico real, e não esteja somente no campo teórico, pois o fundamento empírico nos é de grande valor, pois é o que gera o valor a teoria.

Vale ressaltar, que o que fora exposto neste início de apresentação do percurso metodológico foi escrito anteriormente ao evento do Enampege, pois é exatamente o que estava contido no resumo que foi enviado a fim de que avaliassem a minha adesão ou não ao *G.T.* Não acredito que isto deva ser posto para fora do debate, visto que, a experiência de ida e participar do encontro foi de total importância para mim enquanto um sujeito geógrafo. E a própria empiria que perpassa os processos de elaboração deste artigo, foram de total maneira influenciados por este percurso feito por mim (sozinho e de ônibus, percorrendo mais de 2000 Km). Sendo assim, o que eu tinha por expectativas de elaboração foram se alterando, sendo este um quesito a se abordar de maneira primordial, neste trecho do artigo, que abarca por sua vez os aspectos metodológicos. E isto é metodologicamente de total relevância, visto que O MUNDO forneceu-me elementos a pensar a geografia. E em pensar que existem “geógrafos” que pegam um avião apresentam seus trabalhos, e voltam, sem nem ao menos se importar com

a experiência que envolve eventos geográficos, que jamais se limitarão a apresentação em uma mesa redonda... afinal, seriam as duas linhas a mais no meu currículo acadêmico que validassem a tese de que o que fiz é geografia? Ou a geografia estava e ainda está em mim a todo o tempo de forma a eclipsar, ou melhor, ofuscar as linhas conquistadas no currículo acadêmico? Acredito mais no real, no vivido como sendo a real geografia, e não “mesquinhas” acadêmicas.

Então, os quesitos metodológicos se fazem a partir de vias imanes, ou seja, a partir de meios subjetivos de se geografiar, bem como a partir da busca de referenciais que demonstrem, sobretudo, as inter-conexões com o pensamento de Schopenhauer e suas reverberações na geografia, principalmente no que tange o conceito de espaço. E imanência é um modo de conceber a realidade totalmente contido no sistema filosófico de Arthur Schopenhauer, que por sua vez, denominava seu sistema filosófico como *dogmatismo imanente*. (Schopenhauer, 2007)

O proposto inicial, portanto, não se alterou, pois é necessário manter-me sob a proposta inicial, cujos fundamentos estavam contidos no resumo, que foi parte do processo de elaboração deste artigo. Acreditamos porém, que ela possa ter se alterado em relação aos meios. E enquanto pesquisador mantenho-me ciente de permanecer visando o mesmo fim que fora proposto na prévia em relação ao artigo. Por exemplo, não me atei como o previsto na discussão eminentemente teórica acerca de conceituações de espaço na geografia para este artigo, pois tal discussão se encontra nas entrelinhas, embora ela será feita adiante, porém em menor profundidade, como que em um ensaio.

É necessário salientar que este artigo parte de um adendo temático em relação a minha pesquisa central que faço, que é tema do desenvolvimento do meu mestrado na forma de sua dissertação. O meu mestrado está em andamento, portanto, gera-se dessa forma, a mim, enquanto sujeito pesquisador muitas dúvidas acerca dos melhores caminhos para que elaboremos este artigo, de forma que eu não “queime” informações que poderiam ser centrais em minha argumentação através de minha dissertação e sem que com este cuidado em permaneça simplista nesta temática, que é (de maneira comprovada por mim) principiante e precursora na geografia. Não afirmo que sou o primeiro geógrafo a estudar a filosofia de Schopenhauer pela geografia, pois a geografia é uma ciência muito ampla, acho que ainda não me sinto apto enquanto geógrafo (enquanto minha história geográfica de contribuições propriamente dita) a dizer isto. Porém, considero que faço algo novo, que pelo menos fujo do conforto de permanecer vinculado a antigos paradigmas, por mais que se mostrem como renovadores e críticos. Tais paradigmas que por sua vez são tão importantes, e mesmo que por

vezes, um pouco ultrapassados, permanecem muito atuais. Acredito, porém, que ao analisarmos considerações acerca da obra de Schopenhauer podemos *linkar* muitos de seus elementos, elementos estes, que neste artigo, pela limitação de espaço, é impossível de ser abarcado de maneira completa, porém iniciaremos a discussão. Neste ponto cito um trabalho que buscou saber quantas são as publicações associadas a Schopenhauer nas ciências, e pasmem, na geografia havia, até a data deste artigo analisado (2019), apenas uma. E pensemos acerca do trecho a seguir, extraído do mesmo artigo.

Por outro lado, talvez cause algum estranhamento nos(as) estudiosos(as) do pensador alemão ver seu nome associado a pesquisas em Engenharia de Produção, Gestão Empresarial, Geografia, Enfermagem ou Ciência da Informação. Infelizmente, percebe-se que à exceção da área de Filosofia, todas as demais não contam hoje com o que se poderia chamar de uma presença consolidada da pesquisa sobre Schopenhauer em seus programas. (MOREIRA, 2019, p. 30).

Outras áreas do saber, por vezes se espantam em a geografia analisar filósofos, e não nos parece um estranhamento justo, visto que somos também uma ciência humana. Deste modo, surge a necessidade metodológica de eu limitar os aspectos a serem analisados na filosofia de Schopenhauer, para que o presente artigo tenha concisão e coerência e seja válido a ciência geográfica. É pensando sobretudo na ciência geográfica, e pensando e aumentar seus pilares de fundamentação que me presto a este serviço que nos soa de demasiada importância.

Sendo assim, fugindo de letras frias comumente usadas neste tipo de artigo, que é “estritamente” teórico, como diriam alguns mais conservadores, como por exemplo, os velhos termos: “revisão bibliográfica”, “Análise de obras”, etc... eu pretendo fazer uma geografia mais viva, onde o que foi sentido e percebido por mim tenham importância metodológica. Sendo assim, sem saber ao certo ao que me serviria no final de tudo, eu fui escrevendo em meu caderno um relato de experiências, no decorrer do tempo, cada vez que se aproximava a minha viagem. E destes relatos, que foram sentidos por mim, foram geografados por mim, pode haver uma geografia mais viva e mais potente do que termos e conceitos frios, tão caros ao “mais do mesmo” que se estende pela geografia.

Para elaborar este artigo eu venci medos, conheci lugares novos, fui para a maior distância que já percorri para longe de minha casa e minha cidade natal, eu fui sozinho, com as passagens de ida, e a vontade de fazer geografia, esta ciência que modificou minha visão de mundo. Eu senti nesta experiência sentimentos diversos, dores, calor, frio, angústia, aflições. Não esquecerei do dia que chorei “litros” de lágrimas no alojamento pelo sentimento de medo que senti, perante a volta, da dificuldade financeira que já se aproximava naquele momento, final de viagem. Para isso utilizo de Schopenhauer a reconhecer o valor deste esforço, e quão isto me permite participar do encontro como um efetivo GEÓGRAFO, sem medo. Pois, esta

geografia se fez de forma real e imanente visando compreender melhor o mundo, por mais que quesitos burocráticos e normativos possam ofuscar o peso simbólico disso tudo. Pois como o próprio Schopenhauer, que por sua vez falava da primazia da importância do saber intuitivo frente aos saberes abstratos propriamente ditos, nos diz que:

Se de um lado comparar conceitos com conceitos é uma capacidade que quase todos possuem, de outro, comparar conceitos com intuições é um dom dos eleitos: segundo o grau de sua perfeição isto condiciona o que é dito espiritualoso, a faculdade de juízo, a sagacidade, o gênio. (...) Todo pensamento original acontece em imagens: eis porque a fantasia é um instrumento tão necessário do pensamento, e cabeças sem fantasia jamais realizarão alguma coisa grandiosa- a não ser na matemática. Por outro lado, pensamentos meramente abstratos, que não têm núcleo intuitivo algum, assemelham-se a castelos nas nuvens sem realidade alguma. (Schopenhauer, 2015, p. 86).

Traremos ainda um trecho contido em uma reconhecidíssima biografia de sua vida intitulada *Schopenhauer e os Anos Selvagens da Filosofia*.

Uma conversação já perto do final de sua vida, ele disse a um interlocutor: “Uma filosofia cujas páginas não abranjam os extremos das lágrimas, choro e ranger de dentes e fragor pavoroso do homicídio social recíproco e universal não é absolutamente uma filosofia”. (Safranski, 2011, p. 11)

Ou seja, eu acharia um desperdício de potencial se tudo isso, que foi o PRINCIPAL, fosse posto para segundo plano, onde priorizássemos a teoria fria, de homens, que já estão mortos. Ou seja, não fala-se de homens mas sim de suas ideias, e para isso me utilizo de Schopenhauer, visto a sua magnífica obra deixadas a nós, de maneira profunda e impactante no campo das ideias, sendo ele um grande nome da história do pensamento humano. Sendo assim, a metodologia se ferá de asserções teóricas, *linkadas* dentro do possível com a profundidade de seu sistema filosófico, de forma a se conectar com o vivido por mim. Ou seja, unem-se maneiras distintas de pensarmos o espaço, sendo o espaço o conceito chave desta pesquisa que visa o fim em forma de artigo. Neste sentido, faremos uma aproximação entre Schopenhauer e Milton Santos, analisando o pensamento de Santos acerca do espaço. Uma conexão entre a europa iluminista e o Brasil, mais precisamente, Bahia, terra do reconhecidíssimo geógrafo BRASILEIRO, Milton Santos.

Por fim, a partir de toda a experiência, trarei uma poesia, escrita por mim à geografia.

REFERENCIAL TEÓRICO

“Hoje mais do que nunca, ser geógrafo é compreender o mundo. Compreender o mundo é ser geógrafo”. (Maria Adélia Aparecida de Souza). Vale pensarmos que o nome da

principal obra de Arthur Schopenhauer, que o colocou entre os grandes nomes do pensamento filosófico, é *O Mundo Como Sendo Vontade e Representação*. Dito isto, trago uma lembrança que tenho de uma vez que fui interrogado por um graduando de filosofia da USP acerca da ontologia da obra de Schopenhauer. E responder esta pergunta não é de maneira alguma, fácil. E nesta conversa fui contra-argumentado pelo filósofo em questão acerca de a impossibilidade de a ciência abarcar questões metafísicas que são contidas fundamentalmente na filosofia de Schopenhauer, por exemplo. E isso foi interessante do ponto de vista simbólico acerca do que minha pesquisa representa. Afinal, não podemos então, pensar o sistema filosófico de Schopenhauer em relação ao pensamento geográfico?

Podemos, inicialmente, pensar a partir do título de sua obra principal pois o título se inicia como “O mundo como sendo...” ou seja, Schopenhauer tem de certa forma a pretensão de explicar em seu sistema filosófico o que é o mundo. Neste sentido, muda-se uma forma de pensar, afinal, nós cientistas geógrafos não temos condições (a partir de nossos elementos a serem estudados pela geografia) de definir o que é o mundo, pois cairíamos nas garras da metafísica, que por sua vez, é uma vertente da filosofia que busca analisar o mundo sem que os elementos físicos (isto é, empíricos) sejam de primordial interesse. Ultrapassa-se neste campo (a metafísica), portanto, os limites da física e da empiria humana, que é onde nós cientistas devemos nos limitar, visto que é o método científico que nos interessa.

Visando simplificar o debate, focaremos no fato de que, ao ver do próprio Schopenhauer, e isto é claro em diversos momentos dentro da sua filosofia, que ele ao contrário de toda a tradição filosófica ocidental, portanto, que até então jamais tivesse conseguido chegar à coisa em si. Schopenhauer trouxe para si a responsabilidade por findar este problema ao perceber a VONTADE, este ímpeto, sentido por nós de maneira imanente, incondicionada, infundamentada, como sendo a coisa em si. Ou seja, se antes pensavam elementos do entendimento humano como sendo transcendentais, à maneira Kant, que por sua vez não partia do corpo a pensar o mundo, pelo menos não explicitamente, Kant trabalhava com uma dita “razão pura”. Schopenhauer ao contrário de Kant, parte do corpo. O corpo que tem vontades, o corpo que sente, o corpo que entende, o corpo que intui. Explicando a distinção de forma bem simplificada. O corpo como sendo o lugar da imanência? O corpo como partida de entendimento para o mundo. O mundo este como sendo REPRESENTAÇÃO, quando pensado a partir de suas causalidades, que nos limitam, pelo viés schopenhaueriano, à ETIOLOGIA e MORFOLOGIA. E de outro lado, a VONTADE, esse quê incondicionado, que nos fornece o *a priori*, ou melhor, a coisa-em-si. E entender o mundo como sendo este conceito composto por

dois lados complementares e que não podem ser pensados dissociadamente é entender o núcleo da filosofia de Schopenhauer. São duas faces da mesma moeda. Isso tem peso epistemológico!

Schopenhauer, por sua vez, criticou Kant da seguinte maneira. “Devo lembrar que Kant agiu como se fôssemos meros seres cognoscentes e, portanto, como não tivéssemos nenhum dado além da REPRESENTAÇÃO, quando, na verdade, possuímos outro, na VONTADE em nós, distinta *toto genere* da representação.” (Schopenhauer, 2007, p. 117). Ou seja, são coisas distintas, que coexistem no espaço, e são percebidos por nós através do nosso corpo em relação a paisagem. Ainda sobre este assunto, nos embasando no tomo 2 de *O Mundo como Vontade e Representação*, Schopenhauer nos diz que “todos os filósofos erraram ao terem posto o metafísico, o indestrutível, o eterno do ser humano no INTELECTO: o eterno do ser humano reside exclusivamente na VONTADE, que é completamente diferente do intelecto e somente ela é originária. (...) A vontade unicamente é o condicionante”. (Schopenhauer, 2015, p. 592).

Neste ponto, para fundamentar mais as questões acerca da física e da metafísica adentraremos, da maneira mais fundamental possível, a fim de iniciar na geografia este tema as distinções entre as filosofias de Kant e de Schopenhauer, pois isto é um esforço fundamental, que foi tema de discussões no campo das ideias quando apresentei meu trabalho no Enampege. Isso se deve ao fato de que responder esta pergunta dá o fundamento que precisamos para analisar Schopenhauer na geografia e não Kant, visto que Kant já é uma figura conhecida por nós geógrafos. E tal problemática envolvendo a questão metafísica é primordial para que se inicie o debate, e não que isso signifique que aumente a complexidade do assunto, pois é o contrário que visamos neste artigo. Nosso propósito é tornar nosso modo de pensar mais claro possível e acessível aos geógrafos, nos utilizando, de certa maneira, de minimalismos teóricos, quando possíveis, a fim de tornar a compreensão mais voltada aos geógrafos, que são o público alvo deste artigo.

Para isto citarei Schopenhauer quando este trata de comentar acerca da filosofia de Kant, no livro *Fragmentos sobre a História da Filosofia*. (Schopenhauer, 2007, p.117)

(...) Disso resulta que se baseia na percepção sensorial e referem-se essencialmente a ela. Disso resulta que eles não podem fornecer os condutores que nos guariam para além de toda a possibilidade da experiência, bem como a metafísica, como ciência que reside além da natureza, ou seja, justamente acima da possibilidade da experiência, é impossível.

Porém, ao contrário de Kant, que acreditava ser impossível se chegar à coisa em si, pois estaríamos retidos as (im)possibilidades do mundo fenomênico, Schopenhauer acreditava que era sim possível chegar ao dado *a priori*, e por via imanente, isto é, de dentro pra fora, e

entendeu como sendo a VONTADE, este ímpeto que se manifesta de maneira incondicionada em nós, anterior a experiência e a razão, como sendo o a priori, o metafísico. Por Schopenhauer, podemos nos conectar a algo mais atento a essência humana, a grande constituidora do mundo globalizado a alma do espaço geográfico, a força motriz dos espaços técnicos-globalizantes-globalizados, a tal VONTADE, que se apresenta em todos os elementos da paisagem. Parte-se de “Buscar tudo que é essencial e significativo purificado de todas as causalidades e estranhezas” (Schopenhauer, 2013, pág 287). Ou analisar as correlações entre os espaços produzidos e suas vontades no ato de produção, vontades estas que podem ser apreendidas pelo intelecto humano, sob a forma de ideias (em sentido platônico, de acordo com Schopenhauer). Ou simplesmente como a máxima schopenhaueriana de que "Cada motivo tem sua significação simplesmente em sua relação com a vontade" (Schopenhauer, tomo 1, pág 286). Ou ainda por Schopenhauer, “gravidade, rigidez, fluidez, luz, etc. são ideias que se exprimem em rochedos, edifícios, correntezas d’águas.” (Schopenhauer, 2013, p. 244). Schopenhauer acreditava que podíamos chegar a um entendimento de sua existência e natureza através da introspecção e da observação do mundo.

Enquanto Kant era um idealista, e por Schopenhauer podemos pensar que

O idealismo transcendental não contesta absolutamente a realidade empírica do mundo existente, mas diz apenas que ela não é incondicionada, uma vez que tem como condição nossas funções cerebrais, das quais surgem as formas de intuição e, portanto, o tempo, o espaço e a causalidade. (Schopenhauer, 2007, p. 122).

Porém, como conciliar este meu ofício de geógrafo, com o modo schopenhaueriano de se pensar de forma que o sujeito cientista tenha ciência de que não podemos por meios científicos alcançar a verdade?

Pois:

O autêntico modo de consideração filosófico do mundo, ou seja, aquele que nos ensina a conhecer sua essência íntima e, dessa maneira, nos conduz para além da aparência, é exatamente aquele que não pergunta “de onde”, “para onde”, “por que”, mas sempre e em toda a parte pergunta apenas pelo quê do mundo.

(Schopenhauer, tomo I, pág 317).

Vale lembrar que Schopenhauer também nunca teve apoio financeiro de instituição alguma para fazer sua filosofia. Mas para não soar como se fosse uma opinião pessoal, trago Tolstoi, na contracapa do livro *Sobre a Vontade da Natureza*, de Arthur Schopenhauer, temos que:

Estou convencido de que Schopenhauer é o homem mais genial de todos. (...) Ao lê-lo não posso compreender como seu nome pôde permanecer desconhecido. A única explicação possível é a que ele mesmo repete tantas vezes, que há quase só idiotas no mundo. (Schopenhauer, 2013)

Para isto, temos uma grande ajuda, vinda de um artigo em um livro de geógrafos, intitulado *Ciência e Naturphilosophie em Schopenhauer*, de Eduardo Brandão. E neste artigo, logo no início temos que “Um dos aspectos centrais do do pensamento de Schopenhauer- pouco explorado pelos seus comentadores- é sua relação com a ciência. No limite, pode-se pensar que na sua obra busca-se uma fundamentação metafísica da ciência- a exemplo de Kant.” (Brandão, 2014, p. 195).

- **Como pensarmos o espaço geográfico em relação com o sistema filosófico schopenhaueriano? Uma aproximação com Milton Santos.**

Como nosso espaço de argumentação é limitado, por ser um artigo no qual trabalhamos com um limite de páginas, me ateei apenas a uma parte do pensamento de Milton Santos (é uma pena...), que por sua vez estão contidos no livro *A natureza do espaço e Metamorfoses do espaço habitado*. E um ponto que me chamou atenção na aula de teoria e método na Pós-graduação, ministrado pelo grande teórico e também educador, Luis Carlos Tosta dos reis, foi a conceituação de Santos acerca do espaço em *Metamorfoses do Espaço Habitado*, no qual o autor nos diz que

O espaço não é uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho (Santos, 1988, pag 30).

Neste ponto percebe-se que a natureza e a sociedade são mediatizadas pelo TRABALHO ao ver de Milton Santos, e isto se deve às suas influências filosóficas, porém, partindo de um pressuposto schopenhaueriano, essa mediação é sobretudo através da VONTADE, que no mundo se objetiva de diversas maneiras, partindo de uma única Vontade, que é a coisa em si, infundamentada. Porém, isto é uma afirmação metafísica, e nós cientistas não devemos caminhar por esta parte da filosofia, somos, portanto, limitados ao mundo empírico e comprovável, à maneira científica de se elaborar o conhecimento. Há sobretudo uma maneira de pensar que parte de Kant, mesmo que inconscientemente (que não é o caso, por tratar-se do grande intelectual que foi Santos), pois, notemos o trecho:

O estudo dinâmico das categorias internas enumeradas supõe o reconhecimento de alguns processos básicos, originariamente externos ao espaço: a técnica, a ação, os objetos, a norma e os eventos, a universalidade e a particularidade, a totalidade e a totalização, a temporalização e a

temporalidade, a idealização e a objetivação, os símbolos e a ideologia. (Santos, 2020, p. 23).

E Schopenhauer, em sua busca de revelar o enigma do mundo, criticou as ciências da seguinte forma:

Se, por fim olharmos para o vasto domínio da ciência da natureza, repartindo os diversos campos, podemos em primeiro lugar, destacar duas divisões principais. A ciência da natureza é ou descrição de figuras, que denomino MORFOLOGIA, ou explanação de mudanças, que denomino ETIOLOGIA. (...) Etiologia em sentido estrito são todos os ramos da ciência da natureza que têm por tema principal, em toda parte, o conhecimento de CAUSA e EFEITO. (...) Caso nos dediquemos ao aprendizado das ciências, logo percebemos que a informação capital procurada não é fornecida nem pela etiologia nem pela morfologia. (...) No fundo somente demonstra a ordenação regular segundo a qual os estados aparecem no espaço e tempo. (...) Vemos, pois, que DE FORA jamais se chega a essência das coisas, por mais que se investigue, obtêm-se tão somente imagens e nomes. (Schopenhauer, 2015, p. 112-116).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando enviei meu trabalho ao evento, sem nunca ter saído do meu estado para apresentar um trabalho, sendo na verdade o meu segundo trabalho apresentado, por um sujeito com um insignificante currículo acadêmico, foi (e continua sendo) um grande desafio. Porém, como em uma máxima leibneziana “*natura non facit saltus*”, esforços deste tipo se fazem por um passo após o outro. Primeiro no que tange a escolha do tema a ser apresentado, a escolha do Grupo de estudo a se participar, a elaboração do resumo enviado previamente ao evento, nos cálculos financeiros, e em todo o trabalho que envolve o deslocamento ao evento em si. Cada um faz isso sozinho, embora possam existir (e existem, nossa família, nossos orientadores, amigos, por exemplo) colaboradores, e nesse modo pensamos o conceito de redes, redes de colaboradores para que nossas vontades se objetivem, à maneira schopenhaueriana?

Todo o meu esforço resultou em uma, importante, e extremamente simbólica, viagem, onde fui de ônibus sozinho de Vitória, Espírito Santo, à Palmas, no Tocantins, passando pelas rodoviárias de BH, Brasília e por fim chegando ao meu destino final. E o Brasil é um país continental, viajar de ônibus um trajeto tão longo, sem ter nunca saído do meu estado sozinho, é de grande valor no sentido etimológico do geógrafar. Pude ver com meus olhos outras cidades, outros locais, culturas, vegetações, sentir outros climas, ver outras morfologias, analisar diferentes paisagens, e tudo por mim, sem *google maps*, sem interferência de relatos de terceiros, um exercício totalmente empírico e analítico, que me fez chegar ao evento com um sentimento de que sim, sou geógrafo e tenho mérito por estar ali.

Schopenhauer vêm ao nosso encontro quando ele, que veio antes de mim, e também enfrentou muitos problemas com a academia em sua época, vide seu magistério na Universidade de Berlim, e conseqüente abandono das instituições, se dedicou pelo resto de sua vida à filosofia por conta própria. Para isso temos que “avesso à sabedoria de gabinete, o estilo de Schopenhauer é o de um *homme du monde*, e suas viagens pela Europa, na época napoleônica lhe proporcionaram experiências que, talvez, ele não encontraria em nenhuma academia de universidade.” (Pastore, 2015, p. 130-131)

E a nós geógrafos, e se eliminassem as instituições, o que restaria de geografia em nós? Desta forma, utilizando de Paulo Cesar da Costa Gomes temos que “A geografia é também uma forma autônoma de estruturar o pensamento, uma forma original de pensar. Essa é a hipótese” (Gomes, 2017, p. 21). E durante todo o trajeto, por minhas relações interpessoais, minhas manifestações artísticas e geográficas, em tudo há um pouco de Schopenhauer, e nesse “mix” tendo a ver cada vez mais nitidamente a validade em estudarmos Schopenhauer na geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Schopenhauer nos fornece elementos a pensarmos o papel da intuição do geógrafo, intuição esta que é totalmente vinculada ao sentir, ou seja, é a partir do corpo que podemos pensar uma geografia schopenhaueriana. E a partir disso, assim como Nietzsche, também fui totalmente influenciado por suas obras, a ponto de entender o papel da arte e principalmente da poesia, que é quando estamos “nus” no mundo das ideias e podemos ser nós mesmos, sem que instituição alguma tenha que validar o que pensamos, e a fim de concluir o artigo, tratei uma poesia que fiz acerca do que entendo por geografia, e tal poesia foi feita no período do Enampege, em Tocantins, que por sua vez, era permeado por geógrafos em toda parte, nos mostrando que sim, a geografia tem peso- valor- E NOS MOVE! E se por ventura disserem que não há espaço para poesia, ou qualquer forma de arte, na ciência, me alinho a Schopenhauer, quando este diz que “filosofos querem agradar o mundo. Comigo é diferente: eu vi o que agrada ao mundo, e por isso não me afastarei um passo sequer do caminho da verdade para agradar-lhe.” (Schopenhauer, 2013, p. 212), valendo neste caso aos cientistas. E ainda mais que o que vemos é uma *Mundialização Perversa e Perversão das Ciências* (Santos, 1988).

A POESIA...

São tantas geografias... Qual o fio que nos liga? São tantas formas de pensar o espaço, qual a liga que sustenta a estrutura? Ou nossos pilares não se apoiam em nada? E voam reclamando

do atrito do ar, sem saber que o ar é o que nos gera condições a se voar... à maneira da pomba kantiana de se filosofar...

Somos tão diferentes, nesse mundo onde o quê é real e nos faz iguais, ou mesmo, unos. Tão desigualmente unos- unidades assíncronas- cronologias outras- mesma coisa? Ou coisa mesma só que diferente? Não sei....sou muito jovem e sem um currículo acadêmico que me permita responder a essas questões, e eu aprendi no meio acadêmico que mais vale um geógrafo que mais lê paginas, do que aquele que mais intui o mundo, tornando paradoxal tais pilares da ciência, que busca conhecer o mundo, mas por vezes se prende mais a palavras- humanas- demasiadamente, humanas... e nós? Oscilando entre dualidades a todo o tempo, e volto a lembrar do *Yin- Yang*, a grandiosa sabedoria oriental, que demonstra que o mundo é um *mix* de sonhos, vontades, desejos e matéria (e haja chão!). Essa pedra ambulante pelo espaço, tornando nosso espaço absoluto- tão relativamente paradoxal e nunca estático à maneira de pensar Heráclitiana...

Em uma vasta infinidade, kilométrica, bilhonétrica? Que nos circunda, sempre, sendo constituída de elos tão reais, tanto as vontades, quanto a matéria... e a metáfora nos ensina que se existem dicotomias ela só refletem nossas dualidades, nossos COMOS do mundo, como vemos, como são as causalidades, como entendemos, como percebemos... isso tudo num jogo de moldes condicionados por nossas condições de percebermos tais comos (à maneira Kant, que por sua vez parte de uma forma platônica)... que mascaram o QUÊ. E tudo é tão real... nos influencia! Por vezes nos possibilita, por vezes nos determina, e a verdade em uma linha tênue. Tão real quanto a linha do Equador, que oscila, por através destes extremos, entre vontades e representações, e tudo fazendo efeito às suas maneiras, representacionais sobretudo. E o mundo especificado em frações, para que se objetive nossas ciências, e nossa amada geografia busca sua parte, grandioso espaço geográfico, cósmico ou micro?

E geógrafos de verdade são crianças emocionadas com quaisquer paisagens novas, que se fazem até no cotidiano, provando que a verdadeira sabedoria vem pelas vias da pura e curiosa imanência, desejo de conhecer-entender-decifrar... O entender a partir da imanência, a partir do corpo, a ferramenta de trabalho principal de um geógrafo imanente, INOCENTE, tanto quanto, da LUZ, que é fogo e palha, é lenha e chama, e é chamada por nós, neste planeta, de INTUIÇÃO...

e porque não intuição geográfica?

REFERÊNCIAS



BRANDÃO, Eduardo. Ciência e Naturphilosophie em Schopenhauer. In Kant, o kantismo e a Geografia. 1, 195-220, 2014. 2014

CARLOS, Ana Fani A. Da organização à produção do espaço no movimento do pensamento geográfico. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. Tradução . São Paulo: Contexto, 2011. . . Acesso em: 30 out. 2023.

CAYGILL, Howard. Dicionário Kant, Coleção dicionários de filósofos. Tradução: Álvaro Cabral. Revisão técnica-normativa: Valério Rohden. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura, EdUERJ, Rio de Janeiro, p.92-123, 1988.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Tradução do alemão Renato Zwick, revisão técnica e prefácio Tania Rivera, ensaio biográfico Paulo Endo e Edson Sousa. Porto Alegre: L&PM, 2017.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2017

HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce Que la philosophie?. In. Col. Os Pensadores. Trad. Ernildo Stein, Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2005.

JUNG, C. G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

MONTEIRO, Fernando J.S. 10 lições sobre Schopenhauer / Fernando J.S. Monteiro. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. - (Coleção 10 lições)

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. . São Paulo: Hucitec. . Acesso em: 30 out. 2023. , 1983

PASTORE, J. A. D. O trágico: Schopenhauer e Freud. São Paulo: Primavera, 2015

SAFRANSKI, R. Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia. Trad. William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SANTOS, Milton. METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec.São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. Fragmentos sobre a história da filosofia. Tradução de Karina Jannini, prefácio de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2007

SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo como vontade e representação. Tomo I. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barbosa. São Paulo: Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a vontade na natureza. Tradução, prefácio e notas de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013

TUAN, Yi-Fu, Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.